



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

A defesa da hipótese do inconsciente frente aos discursos pós-modernos¹

The unconscious hypothesis' claim face to postmodern discourses

La défense de l'hypothèse de l'inconscient face aux discours postmodernes

Maria Clara Nunes Leite Cardozo de Pina

Orcid: 0000-0001-8642-1014

Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)

Integra o Grupo de Iniciação Científica na UFRJ intitulado "Introdução à Teoria da Clínica Psicanalítica" (2019-2021) (Rio de Janeiro, Brasil)

Graduada em Psicologia pela UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

E-mail: mcp_nunes@yahoo.com.br

Flavia Lana Garcia de Oliveira

Orcid: 0000-0001-5338-9417

Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Bolsista PNPd-CAPEs (Rio de Janeiro, Brasil)

Doutora e Mestre em Teoria Psicanal

Membro da Associação Universitária de Psicopatologia de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental – AUPPF (São Paulo, Brasil)

Membro do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)

E-mail: flavialanago@gmail.com

Relatório de monografia:

Pina, M. C. N. L. C. de. (2020). *O desafio da sustentação da hipótese do inconsciente frente aos discursos pós-modernos*. Monografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Apostar na hipótese do inconsciente nos dias de hoje consiste em um desafio com especificidades que não são exatamente as mesmas da era vitoriana de Freud. Frente à crescente demanda por uma terapêutica que extirpe o mal-estar através de intervenções homogeneizantes e protocolares, a transmissão da psicanálise tem recebido certa resistência. Nesse sentido, o trabalho que sintetizamos neste conciso relato teve como objetivo geral introduzir um embasamento teórico-conceitual na teoria da clínica psicanalítica que preparasse para uma reflexão posterior sobre a incompatibilidade entre os discursos hegemônicos da pós-modernidade, que legitimam os saberes a partir da crença na autodeterminação, e o enfoque psicanalítico, que surge amparado na hipótese de Freud (1915/2010c) de que existem atos psíquicos que não são conscientizáveis, mas que produzem efeitos tão notáveis quanto aqueles que são.

A organização desta monografia de conclusão de curso se estruturou em três capítulos. No primeiro deles, mostrou-se pertinente remontar ao solo epistêmico a partir do qual a psicanálise pôde surgir. Estudamos algumas produções de autores com percurso robusto no ensino de Lacan, como Coelho dos Santos (2001) e Coelho dos Santos & Lopes (2013), com o propósito de precisar uma coordenada epistemológica fundamental: a ruptura entre os mundos antigo e moderno marca um corte discursivo do qual a constituição de um sujeito inédito é fruto. É desta nova modalidade subjetiva que a psicanálise se ocupa em investigar (Lacan, 1966/1998, cit. por Coelho dos Santos & Lopes, 2013; Oliveira et al., nov. 2018 a abr. 2019). Sendo assim, foi possível abordar como Lacan se baseou na leitura do filósofo e historiador Alexandre Koyré (1986), o qual concebe o surgimento da ciência moderna como “expressão e fruto” (p. 11) de uma profunda transformação do intelecto humano proveniente do corte que a revolução científica impôs entre o mundo medieval e o moderno. O entendimento humano era outrora organizado a partir da visão aristotélica de um cosmo hierarquicamente ordenado, finito e do qual a transcendência da divindade seria o grande referente. A partir da revolução científica, uma nova modalidade de produção de saber ganha importância. A contemplação, os dogmas e a tradição dão lugar a uma atitude ativa, através da qual o sujeito consegue chegar ao conhecimento universal com o uso da razão.

Segundo Coelho dos Santos e Lopes (2013), o ato de conhecer, portanto, emerge na modernidade como um exercício intelectual amparado por proposições matemáticas a partir das quais, não só objetos sem qualidades são engendrados, como também o próprio sujeito que o exerce deve se despojar da sua singularidade. Isso deve ocorrer porque o trabalho científico tem como condição de existência que o sujeito abdique aquilo que lhe pertence e é da ordem da satisfação libidinal - a saber, os objetos da fantasia. No entanto, esta exigência não é passível de ser cumprida, pois a produção científica não se dá sem a singularidade dos destinos sublimatórios que cada um consegue dar diante do não-saber. Por este motivo, Santos e Lopes (2013, p. 10) esclarecem que “a ciência não é para Freud um ideal e sim a própria condição de possibilidade do pensamento psicanalítico”. A psicanálise incide sobre o sujeito moderno - dividido - com a proposta de estender a pesquisa científica à área mental (Freud, 1933/2010a). Se o passo científico consiste em extrair uma formalização que seja a mais asséptica possível do campo imaginário, o trabalho analítico não é senão a busca pelo mapeamento das significações do sujeito, na tentativa de formalizar a dimensão libidinal, foracluída pela ciência, mas que, ao mesmo tempo, depende desta para existir. Para tanto, a psicanálise mantém um compromisso com a ciência, na medida em que, para se ter um trabalho analítico, é preciso abrir mão da experiência manifesta – consciente - em nome de uma articulação formal que situe uma hipótese sobre a causalidade inconsciente (Freud, 1915/2010c). Contudo, psicanálise e ciência não coincidem. Há uma separação entre estes dois campos do saber, visto que a psicanálise se fundamenta justamente na consideração dos processos anímicos inconscientes, introduzindo a importância dos efeitos da divisão subjetiva que a ciência rechaça.

O segundo capítulo foi dedicado ao tema da divisão psíquica como um importante passo na teorização freudiana. A suposição de um regime inconsciente de processos mentais se justifica na medida em que dados da consciência, tanto em pessoas sadias quanto doentes, demonstram ter muitas lacunas, mas “se inscrevem em uma coerência demonstrável se neles interpolamos os atos inconscientes inferidos” (Freud, 1915/2010c, p. 103). O interesse clínico da psicanálise fez com que ela se ocupasse em tornar objeto de estudo fenômenos antes deixados de lado pela psicologia clássica, tais como os atos falhos, sonhos, pensamentos espontâneos de origem desconhecida, entre outros processos estruturados a partir dos mesmos mecanismos formadores dos sintomas neuróticos, até então pouco conhecidos (Freud, 1915/2010c). Através desses fenômenos, Freud percebe que existem atos psíquicos que, apesar de não serem facilmente conscientizáveis, também são capazes de produzir efeitos tão notáveis quanto aqueles ligados à realidade externa. Os princípios e a lógica que regem os fenômenos lacunares apontam para a existência de uma racionalidade inconsciente que encadeia e ordena processos de pensamento de um modo distinto daqueles conscientes, no entanto, igualmente capazes de comparecer de diferentes formas para o sujeito. Assim, a demonstração da coerência da hipótese do inconsciente não é senão o sucesso da prática clínica psicanalítica, cujas interpretações produzem efeitos que indicam um ordenamento mental e formal que o sujeito tende a desconhecer por conta da ação do recalque (Freud, 1915/2010b).

A afetação dos corpos pelo inconsciente fornece um entendimento para o fato de que há no ser humano um resto de caráter libidinal que insiste em se apresentar - inclusive, que se configura como obstáculo ao ideal científico de apagamento das assimetrias e das qualidades. Freud parece denominá-lo, em *Acerca de uma visão de mundo* (1933/2010a) como “caráter indomável da natureza humana” (p. 354). Este traço marca a experiência de eu como dissonante daquela idealizada, capaz de funcionar coerentemente e alinhada ao uso da razão consciente. Há algo para além da razão consciente que determina o sujeito, de tal modo que, quando a ciência procura engendrar uma estrutura horizontal para a produção de conhecimento, ela esbarra no limite do desamparo por supor um homem universal, despojado de fantasia, desejo e ilusão (Coelho dos Santos; Lopes, 2013). Quando Freud percebe que existem processos de pensamento implicados no regimento da vida psíquica até quando não há consciência, formula que o sujeito não é correlato à consciência. Em detrimento à suposição do pleno domínio da realidade externa e da aposta em uma base inteiramente racional e cognoscível a todos os processos psíquicos, a psicanálise mostra que existem processos mentais constituídos apenas pelo âmbito da realidade psíquica (Freud, 1915/2010c). Assim, a descoberta do inconsciente se constitui como um entrave ao ideal da ciência, pois, nos termos freudianos, uma porção do eu não se codifica em termos de

processos secundários mais realistas do pensamento, levando em consideração o princípio de realidade (Freud, 1911/2010e).

A divisão psíquica evidenciada por Freud demarca que as explicações, sentidos e terapêuticas que pretendem traduzir o desejo a um querer comum - materializado - são limitadas por não alcançarem a vida pulsional do sujeito, nem suas fantasias ou posição recalcada. A clínica psicanalítica e a cultura possuem uma importante interface: as defesas e as formas de encaminhar o excesso pulsional diante das impossibilidades impostas pela realidade perpassam a discursividade e as construções coletivas. Apesar de o sintoma mascarar a verdade inconsciente que é particular de cada um, a cultura organiza os recursos fornecidos para cada um lidar com as perdas e a capacidade de transformá-las em força propulsora para novas satisfações.

Segundo Freud (1915/2010b), um possível destino para a pulsão é encontrar resistências que visem torná-la inoperante. Quando a satisfação da pulsão é inconciliável com exigências e intenções que ultrapassam o propósito da obtenção de prazer autoerótico, o recalque atua na tentativa de evitar o desprazer proveniente desta incoerência. O Eu a reprime e se empenha em manter a representação psíquica ligada à pulsão afastada da consciência. Nota-se que ambas as tendências - aquela que critica e aquela que é criticada - estão presentes no Eu, logo, há um conflito no psiquismo que não se resolve através da introspecção, como pretendia o paradigma consciencialista.

O recalque é mobilizado como resposta do sujeito à angústia de castração, como tratamento, via complexo de Édipo, se serve da identificação paterna para dessexualizar a libido investida edipicamente se estruturar a partir das sublimações e do salto lógico rumo a nova posição dentro da partilha sexual (Coelho dos Santos, s/a). O ser humano, diferentemente dos outros animais, não está sujeito a uma organização interna pela via instintual. O que desperta o corpo, para o bebê humano, não é um instinto automático sem a consideração à alteridade, mas sim o próprio laço com o outro e o contato com ordem simbólica que o constitui (Coelho dos Santos, s/a). Ele nasce em uma relação primitiva com o outro, mergulhada em fantasias e ainda mais escassa em termos de dados da realidade. As primeiras satisfações se dão enquanto o bebê permanece em um estado em que a libido do eu e do objeto estão indiferenciadas experimentadas no nível da realização das funções vitais de autoconservação (Freud, 1914/2010d). Como mencionamos anteriormente, impera aí o regime primário de funcionamento, caracterizado por se tratar de um estado de submissão ao princípio do prazer, que suprime o desprazer do aparelho psíquico através do recalque e tenta alcançar a satisfação absoluta pela via alucinatória (Freud, 1911/2010e). Este tempo da constituição psíquica, no qual a satisfação sexual se encontra apoiada ao prazer do órgão através da descarga das pulsões parciais e dispersas nos orifícios corporais, é descrito por Freud como autoerotismo. Para o bebê, o seio materno é um prolongamento de seu corpo. Isto que dizer que ainda não há desde o início uma unidade de Eu capaz de ser objeto da libido, tampouco de identificar uma exterioridade passível de investimento. A pulsão sexual, no autoerotismo,

apenas encontra satisfação apoiada na descarga de energia proporcionada pelo prazer do órgão no cumprimento de suas funções vitais, o que confere ao bebê uma experiência primeira de fragmentação, característica de um estado anterior do nascimento do Eu. Nas palavras de Freud, “uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido” (Freud, 1914/2010d, p. 18-19).

Portanto, para que o sujeito possa sair do estado autoerótico e construir uma imagem de si próprio - isto é, para que o Eu possa começar a advir como tal -, é necessária a ocorrência de uma “nova ação psíquica” em que o Eu passa a atrair a pulsão sexual, promovendo um investimento libidinal endereçado a si próprio. O desencadeamento deste processo se impulsiona por fatores tais como o olhar do outro e a reatualização do narcisismo parental através da idealização da criança. O advento deste estado de organização da libido é conhecido como narcisismo; nele, o sujeito passa a tomar a si mesmo com algum contorno e não mais apenas como um prolongamento da mãe. A experiência da imagem unificada de si surge a partir da revivificação do narcisismo parental, uma vez que a criança se identifique ao Eu Ideal, que não é senão um Eu depositário de uma supervalorização parental, detentor de toda a perfeição – nas palavras de Freud “Sua Majestade o Bebê” (Freud, 1914/2010d, p. 37). A passagem pelos complexos de Édipo e de castração culmina na produção da angústia relativa às perdas que ferem essa identificação narcísica da imagem de si como o ideal. Uma nova identificação, pós-edípica, instaura o Ideal do Eu como uma projeção a ser alcançada. Esta separação do enamoramento narcísico por si mesmo é imprescindível para a constituição do sujeito adulto. Ainda que inserido ao mundo exterior, permanece em busca do ideal de seu narcisismo perdido, que outrora ele teve de renunciar por exigência da realidade externa, já que seu Eu real nunca correspondeu ao lugar de “Sua Majestade o Bebê” que o narcisismo parental o dera. A partir daí, é possível o surgimento de uma espécie de balança libidinal que passe a regular o investimento da força da pulsão sexual, direcionando-a de maneira mais equilibrada, ora em prol do Eu, ora em prol do objeto (Freud, 1914/2010d).

A interpretação analítica confronta o sujeito com seus mecanismos de defesas, advindos da resposta infantil ao enfrentamento dos conflitos. Ela toca no ponto em que o sujeito cede aos impulsos primários que são contrastantes às atitudes por ele desejadas e, através do trabalho psíquico, pretende tornar inteligíveis os fragmentos do sofrimento identificados pelo sujeito na clínica, que revelam uma força pulsional capaz de trazer consequências nocivas para ele e para o outro. Tal processo só pode ocorrer através do laço transferencial, que atualiza a realidade inconsciente, onde afetos opostos - tais como tendências pacificadoras e hostis - coexistem na mesma intensidade, sem sobrepujar uns aos outros (Freud, 1915/2010c). Não está dada, de antemão, a predominância das tendências do sujeito mais favoráveis à emergência no laço social

em detrimento às tendências primárias; ao contrário, a submissão aos processos secundários é resultado de um profundo trabalho civilizatório. A promessa contemporânea leva à desconsideração pelo inconsciente, uma vez que este registro do psiquismo toca justamente no processo singular de cada um de apropriação de um patrimônio cultural transgeracional que barra a entrada do sujeito em uma espiral de demandas e reivindicações.

O terceiro e último capítulo foi voltado para uma elaboração do conceito de pulsão de morte em Freud. Em "Além do princípio do prazer", de 1920, Freud faz uma alteração essencial na teoria das pulsões. Observando os quadros de neurose traumática no pós-guerra, Freud se depara com um curioso fato: nesses pacientes, há uma espécie de fixação ao momento do trauma que aparece pela repetição da cena traumática nos sonhos de angústia. Trata-se de uma repetição que não parece fornecer forma alguma de satisfação para o aparelho psíquico, como a teoria freudiana dos sonhos até então pressupunha. É um acometimento marcado pela experiência do "susto" que, diferentemente do estado de "medo" e de "angústia", é caracterizado pela surpresa, que renova o horror da situação do trauma a cada repetição dela em sonho. Na clínica de Freud (1920/2010f), a pulsão de morte compareceu como compulsão à repetição e apego mórbido ao sintoma. Nos fenômenos nos quais a pulsão de morte transborda, o pressuposto de uma hierarquia dos saberes que conceba a razão como modalidade mais elevada cai por terra. Logo, a existência desta força pulsional mostra que há uma realidade inexorável do sujeito, fruto do desamparo e da entrada na cultura, que escapa à própria humanização e, portanto, está longe de cumprir o ideal científico. O rigor diagnóstico que baliza os princípios do tratamento analítico não se confunde com um protocolo homogeneizante. Freud (1917/2014), ao escrever sobre a etiologia das neuroses, admite uma grande dificuldade de rastrear o fator que causa o sofrimento, na medida em que esse processo implica a singularidade, plasticidade libidinal e capacidade sublimatória de cada um. Para o tratamento analítico, junto à dimensão subjetiva compete levar-se em consideração a vida pulsional do sujeito, sua relação o desamparo e com a lógica de seu inconsciente.

A monografia se encerra visando à abertura para possíveis desdobramentos sobre a questão preliminarmente situada acerca do que é a pós-modernidade e as tensões decorrentes de seus discursos na concepção psicanalítica de sujeito. Compreendemos que o debate acerca do lugar que a hipótese do inconsciente ocupa no imaginário social é de suma importância para que se possa contornar os desafios de sustentar uma prática clínica amparada na hipótese do inconsciente em meio aos discursos pós-modernos que difundem, no senso comum e na academia, a supervalorização da autodeterminação e da autodefinição dos indivíduos.

Nota:

1. O presente trabalho se baseia no trabalho de conclusão de curso de graduação de Psicologia da UFRJ. Seu título foi *O desafio da sustentação da hipótese do inconsciente frente aos discursos pós-*

modernos, tendo sido produzido sob a orientação da Profa. Dra. Flavia Lana Garcia de Oliveira e coorientação do Prof. Dr. Amandio de Jesus Gomes. Atualmente, a discente Maria Clara Nunes Leite Cardozo de Pina é orientanda de mestrado do Prof. Dr. Amandio de Jesus Gomes no PPGTP-UFRJ

Referências Bibliográficas

- Coelho dos Santos, T. (s/a). *Introdução ao nascimento da psicanálise*. Aula transcrita. Disponível em: <<http://www.isepol.com/laboratoriodeensino.html>>. Acesso em: 17 jun. 2020.
- Coelho dos Santos, T. (2001). *Quem precisa de análise hoje? O discurso analítico: novos sintomas e laços sociais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Coelho dos Santos, T. C. dos; Lopes, R. G. (2013). *Psicanálise: ciência e discurso*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- Freud, S. (2010a). Acerca de uma visão de mundo. In: *Obras completas, volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho Original Publicado em 1933).
- Freud, S. (2010b). A repressão. In: *Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho Original Publicado em 1915).
- Freud, S. (2010c). O inconsciente. In: *Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho Original Publicado em 1915).
- Freud, S. (2010d). Introdução ao narcisismo. In: *Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho Original Publicado em 1914).
- Freud, S. (2010e). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In: *Obras completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber")*, artigos sobre a técnica e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho Original Publicado em 1911).
- Freud, S. (2010f). Além do princípio do prazer. In: *Obras completas, volume 14: História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos")*, além do princípio do prazer e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho Original Publicado em 1920).
- Freud, S. (2014). Considerações sobre desenvolvimento e regressão. Etiologia. In: *Obras completas, volume 13: Conferências introdutórias à psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho Original Publicado em 1917).
- Koyré, A. (1986). *Galileu e Platão*. Lisboa: Gradiva.
- Lacan, J. A ciência e a verdade. In: Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho Original Publicado em 1966).

- Oliveira, F. L. G. de. Do corte científico à invenção de um sujeito inédito: sobre a inserção da psicanálise no campo da ciência. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v.22, n.1, p. 254-257, abr. 2016.
- Oliveira, F.L. G. de; Costa, A.M. V. da; Caetano, D.; Moura, A.; Galliza, G.; Barros, D. (nov. 2018 a abr. 2019). A psicanálise e a Weltanschäuuung científica. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 14(27), 142-147. Disponível em www.isepol.com/asephallus.

Citação/Citation: Leite Cardozo de Pina, M. C. N. & Garcia de Oliveira, F. L. (nov. 2020 a abr. 2021). A defesa da hipótese do inconsciente frente aos discursos pós modernos. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 16(31), 106-113. Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2021v16n31p106-113

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 10/03/2020 / 03/10/2020.

Aceito/Accepted: 10/28/2020 / 28/10/2020.

Copyright: © 2019 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.